

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

A FORMAÇÃO DE LEITORES DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO USO DO CONTO EM SALA DE AULA.

Bruna Fialla Alves¹

Resumo

A literatura em sala de aula é motivo de questionamento por grande parte dos professores. Como trabalhar a literatura com os alunos? Como garantir a compreensão do texto lido? Como formar alunos leitores? A partir de propostas sobre esse tema apresentadas por Rildo Cosson no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, pretendemos uma reflexão sobre a formação de leitores baseada em uma atividade realizada em sala de aula com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, utilizando o conto “O cachorro de Goya em Beirute” do escritor espanhol Ricardo Gómez.

Palavras-chaves: Formação de Leitores. Letramento Literário. Conto. Ensino Fundamental.

Introdução

O Projeto PIBID *Formação de Leitores: integrando biblioteca e sala de aula* coordenado pela Prof. Dra. Milena Ribeiro Martins – UFPR, iniciado em março de 2014, busca contribuir para a melhoria na qualidade da educação básica através da formação de leitores. Para isso faz uso dos acervos bibliográfico do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) criado em 1997 e distribuídos anualmente pelo MEC às escolas públicas. Sabendo que apenas a presença do acervo na biblioteca não é garantia de que esses livros chegarão às salas de aula, e que a leitura desses livros não garante a compreensão do texto lido, esse Projeto pretende ir além. Além das bibliotecas, além do acervo, além da sala de aula. Queremos chegar aos alunos, começar por eles um trabalho de formação para que deixem de ser apenas alunos em sala de aula e se tornem alunos-leitores do mundo em que vivem. Para isso, nos baseamos no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson, em que o autor apresenta propostas para a formação de leitores em sala de aula:

A proposta que subscrevemos aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo (COSSON, 2011, p.12).

Partindo dessa leitura, colocamos em práticas as propostas de letramento literário formuladas pelo autor em atividades de leitura realizadas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Leôncio Corrêa, em Curitiba, no primeiro semestre de 2014. Dessas atividades nasceram reflexões que serão desenvolvidas no decorrer deste trabalho.

¹ Aluna da graduação em Letras – UFPR – bruna.fialla@gmail.com

Desenvolvimento

A atividade foi realizada a partir do conto *O Cachorro de Goya em Beirute*, de Ricardo Gómez, numa turma de 28 alunos. O conto, inspirado no quadro *Perro Semihundido* do artista espanhol Francisco Goya, narra uma situação de guerra vivida por uma menina em idade escolar e um cachorro. A realidade social da cidade de Beirute, no Líbano, pode não ser a mesma realidade vivida por crianças de diferentes países mas, dentro de qualquer sala de aula, seja no Brasil ou em Beirute, “sete vezes sete dava o mesmo que em outros cantos do mundo” (GÓMEZ, 2009, p.09). Essa reflexão sobre diferentes realidades sociais frente a uma mesma realidade escolar gera no nosso leitor uma identificação com a personagem do conto e nos permite uma boa aproximação com ele, como veremos no decorrer da leitura e da atividade proposta.

Na primeira aula foi apresentado aos alunos o quadro *Perro Semihundido* de Francisco Goya. De início não dissemos a eles o título do quadro nem o nome do pintor, apresentamos apenas o quadro impresso para que eles pudessem apreciá-lo sem influências externas. No desenvolvimento da conversa com os alunos algumas informações sobre o quadro foram colocadas, para direcionar a sua interpretação. Também foram feitas algumas perguntas, dentre elas: qual animal estava retratado no quadro, como ele estava retratado, em qual direção sua face estava virada, quais eram os outros elementos representados no quadro, quais as cores utilizadas pelo pintor. No decorrer da conversa foram apresentadas aos alunos informações históricas sobre o quadro, bem como informações sobre a situação social e política da Espanha no século XIX. Informamos a eles que naquele período o país vivia uma situação de guerra, fruto da ocupação francesa e da Guerra da Independência; Goya retratou esse momento numa série de quadros chamados *Pinturas Negras*, que incluía o quadro em questão. A partir dessas informações, começamos a conversa sobre as situações de guerra vividas por nossa sociedade no passado e nos dias atuais. Perguntamos se eles estavam cientes dos acontecimentos recentes na Faixa de Gaza e foi surpreendente para nós o conhecimento deles sobre o assunto. Isso tornou a discussão interessante e prazerosa. Mais ainda quando, dando continuidade à conversa, perguntamos a eles quais seriam as situações de guerra vividas em nosso país. Num primeiro momento ouvimos relatos de acontecimentos do passado, depois pedimos que eles pensassem sobre as situações de guerra atuais. No início poucos souberam dizer se o Brasil vivia realmente uma situação de guerra como em Israel ou Palestina, foi somente depois de algum tempo que dois alunos citaram os acontecimentos nas Favelas do Rio de Janeiro como situações de guerra vividas pelo Brasil nos dias de hoje. Concluindo a discussão e buscando trazer essa realidade de guerra para mais perto deles,

perguntamos se no bairro onde eles viviam ou no bairro onde a escola estava situada havia situações parecidas com as vividas nas Favelas do Rio de Janeiro. Muitos deles afirmaram que sim. Toda essa discussão pretendia fazer uma introdução ao assunto de que trata o conto (uma situação de guerra) e promover um tipo de contextualização presentificadora. Em seguida, passamos à apresentação do livro e à leitura do conto com os alunos. Neste momento mostramos aos alunos o livro, destacamos de dentro dele o conto, identificamos o nome do autor e conversamos sobre a situação de guerra retratada na história. Então, demos início à leitura do conto, que foi realizada por um dos bolsistas do Projeto PIBID, sendo que todos os alunos tinham uma cópia do texto para acompanhar a leitura. Depois da leitura integral do conto, sem pausas, iniciamos uma conversa sobre a narrativa. Fizemos algumas perguntas a fim de verificar o grau de entendimento do conto e o envolvimento dos alunos com a trama. Pedimos que os alunos nos contassem a história, dissessem se gostaram do conto, se gostaram de algum momento em especial, pedimos que falassem sobre os personagens, o enredo, o contexto histórico, a situação de guerra apresentada no conto, a estrutura narrativa, a sequência narrativa, dentre outras coisas. Neste momento foi preciso dar atenção especial à estrutura do conto, visto que os fatos são narrados de forma decrescente e relatados hora a hora (treze horas antes.. doze horas antes.. onze horas antes..). Apesar da dificuldade desse recurso estrutural, a compreensão dos alunos foi positiva e não houve dúvidas iniciais. Por fim, retomamos a reflexão sobre o quadro: pedimos que eles reinterpretassem o quadro de Goya após a leitura e que nos dissessem qual a ligação do quadro com o conto. Percebemos que o bom nível de compreensão da história, bem como do contexto histórico apresentado no conto, só foi possível em razão da discussão realizada com eles antes da leitura do conto, bem como da apresentação do quadro.

154

Retomamos um pouco a conversa sobre o conto agora direcionando a discussão sobre a situação de guerra e a realidade escolar vivida pela personagem Fairuz. Pedimos que eles nos mostrassem situações vividas por ela no conto que eles se identificassem e situações fora da sua realidade (social ou escolar). Eles nos deram exemplos como: estudar matemática, fazer dever de casa, colocar o uniforme – situações comuns; e bombas, instruções sobre as simulações de guerra vividas pelos alunos, escombros – situações incomuns. Após isso, dividimos a turma em dois grupos e pedimos que eles analisassem o conto todo e que um grupo fizesse uma lista com situações comuns e o outro grupo com situações incomuns para que pudéssemos debater entre todos da turma os acontecimentos do conto. Isso foi pedido como tarefa para a próxima aula, que aconteceria na semana seguinte. Em nosso segundo encontro com os alunos percebemos que muitos não haviam feito a tarefa pedida, então pedimos que, com o conto em mãos, fizessemos todos juntos o debate

sobre as situações comuns e incomuns. O debate foi produtivo, pois gerou uma grande identificação dos alunos com a personagem Fairuz, eles puderam perceber como tinham muito em comum com a personagem e puderam compreender melhor a situação vivida por ela. Essa atividade se encerrou aqui.

Apenas para registro, nas aulas seguintes foi trabalhada a construção textual com os alunos. Levamos para a sala de aula dois quadros impressos: primeiramente o quadro *Ofélia* de John Everett Millais e depois o quadro *O Grito* de Edvard Munch. Apresentamos rapidamente os quadros sem dar muitas informações externas, pois a atividade consistia em montar uma história sobre o personagem representado no quadro, baseada na construção textual do conto *O Cachorro de Goya em Beirute*. Essa atividade gerou novas reflexões que serão tratadas em trabalhos futuros.

Conclusão

Gostaríamos de ressaltar a importância da leitura do livro de *Letramento Literário: teoria e prática* para a prática realizada em sala de aula, bem como para o saldo positivo ao final da atividade. Por isso, gostaríamos de chamar a atenção para o processo de leitura proposto pelo autor. Esse processo é dividido em três etapas: antecipação, decifração e interpretação. A primeira diz respeito às informações que levam o leitor a olhar o texto com olhos direcionados. Nesta etapa, o aluno vai fazer a primeira leitura do texto já pronto para o que vai encontrar. No caso da nossa atividade a antecipação consistia na apresentação do quadro de Goya; apresentação do contexto social e político, tanto do quadro quanto do conto; discussão sobre as situações de guerras vividas pela nossa sociedade, etc. Inclui também a apresentação física do livro, a capa, o nome do autor, sua localização no tempo e no espaço. A segunda etapa, chamada decifração, diz respeito à maturidade de domínio das letras e palavras do leitor. Quanto mais experiência de leitura ele tem, mais facilidade com a leitura. Na atividade realizada pelo PIBID, estávamos trabalhando com alunos do 7º ano. Apesar de algumas dificuldades com o significado das palavras e a pontuação, a maioria deles já tinha um fluxo de leitura muito bom. Mesmo assim, para garantir a interpretação, além da leitura feita pelo bolsista do PIBID, pedimos que eles fizessem uma leitura silenciosa; e quando retornamos na segunda aula pedimos uma nova leitura. Em uma das leituras realizada por um de nossos bolsistas, foram feitas pausas para ajudar na compreensão do texto. A terceira etapa chama-se interpretação e diz respeito não só ao significado da leitura do texto, mas à relação entre leitor-texto-mundo. Cosson define: “interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto” (COSSON, 2011, p.41). Aqui engloba-se o que o texto diz, o que o leitor leu, o contexto em que

ambos estão presentes e todas as informações que eles carregam em si. Toda a bagagem cultural do texto e do aluno. E para esse diálogo ser positivo e efetivo, para que esse texto seja lido e para que esse leitor seja formado a cada leitura, é preciso que entre em cena um mediador que possa colocar em prática esse processo de letramento literário, promovendo (se possível) a identificação do leitor com o texto, permitindo que o leitor expresse as razões para haver ou para não haver essa identificação, e promovendo, em seguida, as contextualizações necessárias para a compreensão do texto lido.

Referências Bibliográficas

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2º ed., 1º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

GÓMEZ, Ricardo. 7 contos crus: embora este não seja um bom lugar para nascer. São Paulo: Comboio de Corda, 2009. Pag. 9-23.

GOYA, Francisco. Perro Semihundido. Pinturas Negras. (131,5 cm x 79,3 cm), 1819-1823. Museo del Prado, Madrid, España.

MILLAIS, John Everett. Ophelia. (76.2 cm x 111.8 cm), 1851–1852. Tate Britain, London.

MUNCH, Edvard. Skrik. (91 cm x 74 cm), 1746-1828. National Museum of Art, Architecture and Design, Oslo, Munchmuseet.

Projeto PIBID “Formação de Leitores”. Disponível em: http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/portugues2011/arquivo/434/Projeto_Lngua_Portuguesa_2013.pdf. Acesso dia 20 agosto de 2014.

PAIVA, Aparecida. Literatura fora da caixa: o PNBE na escola. São Paulo: UNESP, 2012.